

TRANSDISCIPLINAR E HOLÍSTICO

RESPOSTA À CRISE GLOBAL DA

CONSCIÊNCIA HUMANA NA PÓS-MODERNIDADE¹

Mara Natércia Nogueira²

Resumo: neste artigo, pretende-se discorrer sobre o surgimento de uma nova abordagem paradigmática: transdisciplinar e holística; em resposta às incongruências decorrentes de uma visão de mundo voltada para a fragmentação dos fenômenos e eventos inerentes à humanidade, frente à constatação de uma crise global da consciência humana agravada profundamente neste século.

Palavras-chave: cosmovisão, transdisciplinalidade, visão holística.

A desconexão das Partes com o Todo

A dinâmica de o-todo-e-as-partes configura a ação predominante para o surgimento de uma nova cosmovisão, a qual se apresenta em resposta à deterioração de um modelo que já não atende mais a sustentação de um planeta que, ainda respira; contudo, se encontra em profunda estagnação no que tange à consciência humana. A complexidade do nosso mundo e o desafio contemporâneo de autodestruição material e espiritual da nossa espécie nos evidencia a vital necessidade de mudanças e transformações.

A grande importância da predominância de uma determinada concepção de mundo fica explícita na fala de Roberto Crema, sendo que para ele a “cosmovisão, além de significar uma visão ou concepção de mundo, expressa também uma atitude frente ao mesmo. Portanto, não é uma mera abstração, já que a imagem que o homem forma do

¹ Artigo elaborado para fins de avaliação acadêmica no Curso de Pós-graduação em Gestão em Relações Humanas, sob a orientação da Profa. Ms. Helyda di Oliveira, UNIPAZ-Goás – Universidade Internacional Holística da Paz; 2011.

² NOGUEIRA, Mara Natércia. Artigo elaborado para fins de avaliação curricular do curso de Pós-graduação em Gestão em Relações Humanas. UNIPAZ-Goiás – Universidade Internacional Holística da Paz; 2009-2011.

mundo possui um fator de orientação e uma qualidade modeladora e transformadora da própria conduta humana” (CREMA, 1989, p.17)

A desenfreada busca pela garantia da sobrevivência – manutenção e sustentação dos aspectos materiais de consumo – da garantia do domínio e controle da natureza, incluindo essencialmente o ser humano; a todo e qualquer custo, fez com que a humanidade caminhasse para um inevitável precipício: o distanciamento largo em relação à compreensão de sua própria existência.

O Primeiro Congresso Mundial de Transdisciplinalidade, realizado em Portugal, entre os dias 2 a 7 de novembro de 1994, confere a Carta da Transdisciplinalidade³, a qual traz no seu preâmbulo a consideração de que “a ruptura contemporânea entre um saber cada vez mais cumulativo e um ser interior cada vez mais empobrecido leva à ascensão de um novo obscurantismo, cujas conseqüências, no plano individual e social, são incalculáveis”.

O ser humano passa a ser dominado pelas suas próprias criações e descobertas. Trona-se refém de si mesmo no caminho do desenvolvimento tecnológico e científico. Resultado de um academicismo clássico o qual concebe a divisão do conhecimento em diversas disciplinas.

Neste contexto, promovem-se fragmentações dos saberes, na perspectiva de que o aprofundando e as especializações nas partes sejam suficientes para o entendimento e a compreensão da complexidade da existência humana, nas suas diversas dimensões. Contudo, o que ocorre é que esta fragmentação dos saberes provoca um efeito que desencadeia um processo de separação e distanciamento do todo.

Quebramos a unidade do conhecimento e distribuimos os pedaços entre os especialistas. Aos cientistas, demos a natureza; aos filósofos, a mente; aos artistas, o belo; aos teólogos, a alma. Não satisfeitos, fragmentamos a própria ciência, espalhando-a pelos domínios da matemática, da física, da química, da biologia, da medicina e de tantas outras disciplinas. O mesmo ocorreu com a filosofia, a arte e a religião, cada um desses ramos se subdividindo ao infinito (WEIL, 1993, p. 26.).

³ A Carta da Transdisciplinalidade é entendida como “o conjunto de princípios fundamentais da comunidade dos espíritos transdisciplinares, constituindo um contrato moral que todo signatário desta carta faz consigo mesmo, livre de qualquer espécie de pressão jurídica ou institucional” (preâmbulo da Carta). Sendo o Comitê de Redação desta Carta formado por Lima de Freitas, Edgar Morin e Besarab Nicolescu.

Quando, ao dividirmos um inteiro em várias partes, passando a considerar cada uma, resultante desta divisão, em partes independentes e desligadas do inteiro, naturalmente constatamos que este inteiro passa a não existir mais.

E, ao tempo em que estas partes se tornam autosuficientes, paradoxalmente presencia-se o seu enfraquecimento na contextualidade de sua constituição integral.

Este artifício onde as partes se desligam do todo desencadeia um processo permanente e inevitável de distanciamento, que vai ampliando à medida que se busca cada vez mais a autonomia e a autosuficiência de cada parte isoladamente.

Configura-se, portanto uma profunda desconexão das partes com o todo. O que naturalmente provoca desequilíbrio, no princípio; e um total descontrole e perda do sentido da existência deste inteiro que foi dividido e fragmentado, com o passar dos tempos.

Emergidos neste contexto paradigmático da fragmentação, a humanidade chega à pós-modernidade numa fragilidade paradoxal jamais vista em todos os tempos.

Um verdadeiro colapso se instaura na existência humana em decorrência desta desconexão. A humanidade entra numa crise global da consciência humana.

Nesta seara de fragmentações, sem dúvida podemos ressaltar que a que divide o homem em corpo, emoção, razão e intuição é a mais ameaçadora. Pelo motivo de nos “impedir de raciocinar com o coração e de sentir com o cérebro” (WEIL, 1993, p.27).

No entanto, há que se perceber, que pelo fato de a própria ciência moderna já não conseguir mais resposta a questões provocadas por ela mesma, fez com que físicos passassem a procurar em áreas demasiadas antagônicas às suas, caminhos para tais respostas (como na psicologia e em diversas tradições da humanidade). Assim, deu-se início a um encontro de áreas diversas do conhecimento e, conseqüentemente também, um relevante diálogo. Configurando-se neste cenário o encontro *transdisciplinar* dos saberes, onde podemos perpassar pela ciência moderna, pelos estudos transpessoais e pelas tradições espirituais.

A Declaração de Veneza⁴ nos traz considerações relevantes e imperativas para a possibilidade a um novo caminho, com um novo olhar para o destino da humanidade. Ela

⁴ Declaração de Veneza: documento que sintetiza as discussões realizadas no Simpósio “Ciência e as fronteiras do conhecimento: prólogo do nosso passado cultural”, na cidade de Veneza – Itália, promovido e

nos aponta que “o conhecimento científico, no seu próprio ímpeto, atingiu o ponto em que ele pode começar um diálogo com outras formas de conhecimento. Nesse sentido, e mesmo admitindo as diferenças fundamentais entre Ciência e Tradição, reconhecemos ambas em complementaridade, e não em contradição. Esse novo e enriquecedor intercâmbio entre ciência e as diferentes tradições do mundo abre as portas para uma nova visão da humanidade e, até, para uma nova perspectiva metafísica” (Item 2).

A possibilidade de uma Nova Cosmvisão Planetária

O encontro entre a ciência e a consciência torna-se, portanto uma premissa inevitável e, mais que isso, imprescindível para trazer de volta a possibilidade da recomposição de todas as nuances que dão sentido e que estrutura a complexidade e a perfeição desse inteiro despedaçado.

Há que se considerar o poder genuíno e equilibrante em se permitir a dinâmica de o-todo-e-as-partes. Toda a natureza existente no planeta, nos seus diversos reinos: mineral, vegetal e animal; só dará respostas congruentes ao desenvolvimento e à evolução, caso a humanidade passe a reconhecer essa nova cosmvisão planetária.

No intuito de transgredir fronteiras entre as disciplinas, já que as mesmas se encontram em dissonância, na busca de uma resposta a esta crise global da consciência humana, pesquisadores como Edgar Morin, Besarab Nicolescu e Jean Piaget criam o termo *transdisciplinalidade*.

Na profunda visão de Nicolescu, a transdisciplinalidade consiste, fundamentalmente, no encontro da ciência moderna com a Tradição (do latim *tradere*: ato de transmitir ou remeter). É importante ressaltar que a expressão é usada com T maiúsculo, para diferenciá-la do significado mais usual de tradição, como hábito ou costume. Nesse segundo sentido, afirma Nicolescu, em seu documento *La Science comme témoignage*, “a ciência, é por essência, antitradicional, pois se refere à pesquisa do desconhecido, à invenção, sob a pressão de fatos experimentais de teorias novas, progressivamente mais adaptadas a descrever a realidade” (CREMA, 1989, P.95).

A intenção destes pesquisadores tem como fundamento literalmente ultrapassar o limite dos limites estabelecidos quando das fragmentações.

O termo *transdisciplinalidade* vem nos trazer uma referência de ampliação nos conceitos anteriormente estabelecidos. Com o prefixo *trans* temos a indicação do que aquilo que está, está ao mesmo tempo, entre as disciplinas, através das diferentes disciplinas e além de toda disciplina.

A visão transdisciplinar é completamente aberta, pois ela ultrapassa o domínio das ciências exatas pelo seu diálogo e sua reconciliação não somente com as ciências humanas, mas também com a arte, a literatura, a poesia e a experiência interior. (Carta da Transdisciplinalidade – Artigo 5.)

Este novo conceito trás como características fundamentais o *rigor*, a *abertura* e a *tolerância*.

O *rigor* da *transdisciplinalidade* baseia-se no conhecimento vivo deste conceito, o qual deverá perpassar o interior e o exterior, sendo “simultaneamente um *corpus* de pensamento e uma experiência vivida”. Esses dois aspectos deverão ser inseparáveis. Trata-se de um “aprofundamento científico que leva em conta não apenas as coisas, mas também os seres e sua relação com outros seres e coisas”.

A aceitação do desconhecido, do inesperado e do imprevisível refere-se ao aspecto de *abertura* na *transdisciplinalidade*.

Quanto ao aspecto de *tolerância* da *transdisciplinalidade* podemos dizer que se refere ao reconhecimento do outro em relação às suas idéias e verdades não condizentes com as nossas.

Este conceito de *transdisciplinalidade* converge na configuração de uma nova maneira de ver e de compreender o mundo, onde se considera eminentemente fundamental um intercâmbio permanente entre a ciência, a filosofia, as artes e os saberes sapienciais existentes em cada cultura e civilização.

Visão Holística - Concepção Sistêmica

Esta nova forma de conceber o mundo, nomeada como *visão holística*, propicia as condições necessárias para que o intelecto seja preparado para agir no âmbito da cooperação, para que uma vivência *transdisciplinar* venha a florescer no seio da humanidade como um desabrochar de novas perspectivas para a possibilidade da reconstituição da dinâmica de o-todo-e-as-partes; eminentemente fundamental para o equilíbrio e o sentido do existir.

O paradigma holístico desenvolveu-se a partir de uma *concepção sistêmica*, nele subjacente. Em suma, essa abordagem consiste na consideração de que todos os fenômenos ou eventos se interligam e se inter-relacionam de uma forma global; tudo é interdependente. (CREMA, 1989, P. 68)

Ainda em consonância com Roberto Crema, que nos apresenta uma definição de *sistema* como sendo um conjunto de elementos que se encontram interligado de um todo, os quais se interagem entre si de forma coordenada e, que funcionam como estrutura organizada, podemos observar que o paradigma holístico compreende uma real complexidade sistemática que possibilita interdependência mútua na relação das partes com o todo.

A visão holística se constrói no âmbito da aceitação de três dimensões de compreensão: *a complexidade do ser humano, os diferentes níveis de realidade existentes e a lógica do terceiro incluído*. Valendo-se também da fundamental importância da interação entre estas dimensões.

Quanto à *complexidade do ser humano* podemos dizer que se encontra na relação intrínseca com:

- Os níveis: físico, mental e espiritual;
- As funções psíquicas: pensamento, sentimento, sensação e intuição;
- Os diferentes estados de consciência: vigília, sonho, sono profundo e transpessoal;
- O conhecimento recebido e elaborado que percorrem os campos dos saberes da ciência, da filosofia, das artes e das sapiências culturais e religiosas;

- As suas relações com os outros e com a natureza: considerando as dimensões ontológicas⁵ da cultura (mítico-simbólica; lógico-epistemológica e mística);
- A compreensão da complexidade do Universo em que se está inserido.

Realidade relativa e realidade absoluta fazem parte dos *diferentes níveis de realidade*, uma das três dimensões de compreensão. Neste âmbito, há que se considerar que o Ser e o Universo “não podem ser reduzidos pela experiência intelectual apenas no que se apresenta concreto, visível, limitado, mensurável, pois existem também realidades sutis que os sentidos humanos não alcançam”.

A *lógica do terceiro incluído*, definido por Besarab Nicolescu trata-se do “secretamente incluído, o guardião do nosso irreduzível mistério, como fundamento possível da tolerância e da dignidade humana”.

Esta trajetória, na perspectiva da construção de uma nova e abrangente visão de mundo, que nos coloca frente a um novo paradigma, o qual emerge como resposta à crise global da consciência humana vivenciada no contexto da pós-modernidade, passa a configurar uma abordagem *transdisciplinar holística*, capaz de despertar um sentido humano voltado para a ética e para a sustentabilidade da humanidade e do planeta.

Referências

antonímia. In **Infopédia** [Em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2011. [Consult. 2011-05-16]. Disponível na www: <URL: [http://www.infopedia.pt/\\$antonimia](http://www.infopedia.pt/$antonimia)>.

CREMA, Roberto. **Introdução à visão holística**. São Paulo: Summus, 1989.

LELOUP, Jean-Yves. **Cuidar do Ser – Filon e os Terapeutas de Alexandria**. Petrópolis, RJ: Vozes, 11^a. ed. , 2007.

⁵ Relação de sentido estabelecida entre dois lexemas que apresentam significados opostos. A **antonímia** continua a significar uma relação semântica de oposição de significado entre duas palavras, no entanto, nomeia de forma diferente os tipos existentes de antonímia.

Os antónimos são palavras da mesma categoria morfossintática cujos significados se opõem por um sema ou traço semântico. Por exemplo, entrar/ sair partilham entre si do sema "movimento, deslocação", mas opõe-se entre si na medida em que *entrar* implica o traço de "para dentro" enquanto que *sair* implica o traço de "para fora".*antonímia*. In **Infopédia** [Em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2011. [Consult. 2011-05-16]. Disponível na www: <URL: [http://www.infopedia.pt/\\$antonimia](http://www.infopedia.pt/$antonimia)>.

NICOLESCU, Besarab. FREITAS, Lima de. MORIN, Edgar. **Carta da Transdisciplinalidade**. Primeiro Congresso Mundial de Transdisciplinalidade. Portugal, 1994.

PIERRAKOS, Eva. **O Caminho da Autotransformação** (The Pathwork of Self-Transformation). São Paulo, ed. Cultrix, 2007.

UNESCO. **Declaração de Veneza**. Síntese do Simpósio “Ciência e as fronteiras do conhecimento: Prólogo do nosso passado cultural”. Veneza, Itália, 1986.

WEIL, Pierre. LELOUP, Jean-Yves. CREMA, Roberto. **Normose a patologia da modernidade**. Campinas – SP: Versus Editora, 2003.

WEIL, Pierre. **A arte de viver em paz: por uma nova consciência, por uma nova educação**. São Paulo: Editora Gente, 1ª. ed., 1993.